

EDIÇÃO CLUBE DE POESIA
IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

TEMPO PRETÉRITO

(SONETOS)



IVES GANDRA DA SILVA MARTINS
DA
ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS

TEMPO PRETÉRITO

(SONETOS)



2.ª EDIÇÃO
(1994)

EDIÇÃO CLUBE DE POESIA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Martins, Ives Gandra da Silva, 1935-

Tempo pretérito : sonetos / Ives Gandra da Silva
Martins ; | prefácio de Geraldo Vidigal |. – 2.ª ed.
São Paulo : KMK, 1994.

1. Poesia brasileira I. Vidigal, Geraldo, 1929-
II. Título.

94-1916

CDD-869.915

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Século 20 : Literatura brasileira
869.915
2. Século 20 : Poesia : Literatura brasileira
869.915

Capa: Alexandre Bueno.

Dedico

para

Ruth

A P R E S E N T A Ç Ã O

Em 1982, publiquei a 1.^a edição de “Tempo Pretérito”. Esgotada a edição, muitos amigos, inclusive do Clube de Poesia, insistiram para que me aventurasse a uma segunda edição. Depois de muita relutância, concordei, não sem antes comprometer na empreitada Geraldo de Camargo Vidigal, amigo fraterno de tantas lutas comuns na defesa da classe, das instituições jurídicas, econômicas e políticas. A comunhão de ideais também na literatura — visto que deu ele início ao Movimento que passou para a história pátria como “Geraldo de 45” a que aderi alguns anos pós, por ser um pouco mais jovem — levou-me a impor-lhe a apresentação desta 2.^a edição, na certeza que o prefácio diminuirá o impacto das críticas negativas à obra.

Acostumado a outras edições de minha obra jurídica, é com emoção que vejo uma 2.^a edição de despreziosa coletânea de sonetos italianos e ingleses, que ofereço, como sempre, a minha esposa e mãe de meus seis filhos, Ruth.

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

PREFÁCIO

GERALDO VIDIGAL

da

Academia Paulista de Letras

Ives Gandra da Silva Martins é um nome nacional. Advogado, jornalista, comunicador, senhor da arena da polêmica — e acima de tudo poeta — sabe que todo o Brasil o admira.

Por isso mesmo, indagam todos:

*Que sentimento de modéstia é esse, em Ives,
que reclama, em cada novo livro, um prefaciador
— como se fosse desconhecido de alguém?*

Ives escreve versos como um Cavaleiro medieval adolescente que atasse, à ponta da caneta, um laço com as cores da amáda e a cruz de Cristo: e fizesse do poema a arena de sua liça lírica.

José Veríssimo, o notável crítico literário cearense, escreveu, certa vez que o amor conjugal não é estético.

Mais tarde, creio que não arrependido, mas pelo menos embaraçado, tentou explicar-se, em ensaio que incluiu em **Letras e Literatos**:

“Queria dizer que não é um bom motivo de inspiração estética”.

Foi pior a emenda.

Ives desafia os tabus e as apóstrofes do ensaísta nordestino e canta:

*“Quero-te muito, mãe de meus seis filhos,
Mulher de meu amor”.*

O **Tempo Pretérito**, de Ives, celebra sua amada através de décadas de matrimônio cristão, filhos, batizados, confissões de fé. Só um poeta fundamentalmente seguro de seu amor e de seu Deus, como Ives, poderia escrevê-los.

Afasta-se Ives dos seus temas absorventes quando, colocado entre seu pai e seus filhos, reconhece sua condição de elo e a dramatiza.

Acentua-se nos poemas o desafio ao se impor o poeta a forma do soneto, algumas vezes descompassados nos seus metros, mesclando a redondilha maior e o alexandrino.

Ao longo das estrofes, como um dado estrutural, insinua-se sempre o tempo, ora forjado no espaço, ora envolvido no que é eterno.

Acima dos temporais, Ives aciona os mecanismos da máquina do Tempo, monótonos, silentes; e, como um pastor de espaços, neles situa Deus, Ruth, seus pais, seus filhos — os entes e as crenças amados.

ÍNDICE

	Pág.
I	— SONETO DAS DOZE E DAS DEZ SILABAS .. 11
II	— O TEMPORAL DO TEMPO 12
III	— VINTE E QUATRO ANOS DE CASADO 13
IV	— SONETO PARA TEU ANIVERSÁRIO 14
V	— A VERDADE DO JARDIM 15
VI	— SONETO DE VIDA INTERIOR 16
VII	— SONETO PARA ÂNGELA 17
VIII	— SONETO PARA JOSÉ KLIASS 18
IX	— A MÁQUINA DO TEMPO 19
X	— SONETO PARA RUTH 20
XI	— O NAUFRÁGIO 21
XII	— SONNET 22
XIII	— MEU CANSAÇO 23
XIV	— A BUSCA DO CAMINHO 24
XV	— O SONETO MAIS ESTRANHO 25
XVI	— SONETO DO APÓS IGUAL 26
XVII	— ESPAÇO AZUL 27
XVIII	— TEU SILÊNCIO 28
XIX	— CROMO 29

	Pág.
XX — OLHAR DE INFÂNCIA	30
XXI — QUERER-TE	31
XXII — PELO CAMINHO DE TEUS OLHOS	32
XXIII — NAVEGAR	33
XXIV — CLARAS ÁGUAS	34
XXV — O ENCANTO DA PRESENÇA	35
XXVI — SONETO PARA IVES FILHO	36
XXVII — O VELHO BARDO	37
XXVIII — É NOITE	38
XXIX — ESBOÇO	39
XXX — ORFEU	40
XXXI — ANO NOVO	41
XXXII — SONETO DE JADE	42
XXXIII — LANÇA CRAVADA	43
XXXIV — CAVALEIRO DO RIO	44
XXXV — O SENTIDO DA VIDA	45
XXXVI — PARA UM LIVRO DE J. G. DE ARAÚJO JORGE	46
XXXVII — ADOLESCÊNCIA	47
XXXVIII — SONETO SOBRE A LENDA DOS SARGAÇOS ..	48
XXXIX — AREIA DO DESERTO	49
XL — ÚLTIMA SEMENTE	50

I

SONETO DAS DOZE E DAS DEZ SÍLABAS

Descompassado, cruzo o espaço de teu tempo
Destemperado, forjo o tempo em teu espaço.
A noite cria formas, ao relento,
Descortinando anseios, que refaço.

A madureza desce e ao fruto tendo
Em tudo o que passei, a cada passo,
Desenterrando a messe, no seu tempo,
Num tempo que se mede sem espaço.

Mormaço. Feito d'áço. Sempre escasso.
Não descobri, não desvendei e nem desvendo.
Silêncio de ti mesmo, em toque lasso.

Aquele mesmo toque, cor do vento,
Que não venta e colora todo o espaço,
Quando a verdade eterna faz o tempo.

II

O TEMPORAL DO TEMPO

O temporal do tempo temperado,
Descortinando sonho e maresia,
Faz-se espaço do espaço despassado,
Que a tela do horizonte mal desfia.

O olhar, que não penetro, desafia
Meu soneto de amor descompassado.
Certeza tão incerta cada dia,
No mundo que descubro de meu lado.

Não sei do que saber e para que,
Nem sei se você sabe o que já sei
Eu sei o que se sabe e o que se vê,

Pelo caminho simples de tal lei.
E não me importa, pois quero você,
Vocação de palhaço e não de rei.

III

VINTE E QUATRO ANOS DE CASADO

Aos versos retornando, recomeço
A mesma estranha história d'outras eras,
Num amor que nasceu, sem ter recesso,
Forjando sonhos, sombras e quimeras.

Caminhou pelo mundo das esferas,
Sem pedras, sem soluços, sem tropeços,
Descortinando pombas e panteras,
Nas armadilhas feitas por apreço.

São vinte e quatro vezes — quatro e vinte ----
Que o mesmo intenso gesto principio,
Com vida, com ardor e com requinte,

Desejando o mistério penetrar,
Findo o tempo, desfeito como um rio,
Pelos prados sutís de teu olhar.

IV

SONETO PARA TEU ANIVERSÁRIO

Quanto mais amor te quero
Mais amor sinto no tempo,
Num tempo de passo eterno,
Nem depressa e nunca lento.

Teu amor que sempre espero
Nunca navega a destempô,
Vive o mesmo toque interno
Que não desfaz-se ao relento.

Nosso amor a descoberto
Ganha muito quando sente
O fruto que se desfruta,

Que este dia faz bem certo,
Pois que Deus nele presente
Justifica a vida e a luta.

V

A VERDADE DO JARDIM

A verdade de tudo silencia.
Nem antes. Nem depois. Apenasmente.
Há traços escondidos pelo dia,
Iluminando a noite em tom crescente.

O cansaço do tempo preludia
O repouso de todos. Todamente.
Nem sempre, no prelúdio, todavia,
A pura imagem resta diferente.

O que vale, porém, a descoberta?
A justiça bem manda que no fim
Não se cubra este bem, que não desperta...

A verdade de tudo é sempre assim,
Estrada escura, incômoda e deserta...
Por isto creio mesmo no jardim.

VI

SONETO DE VIDA INTERIOR

Senhor, põe-me, outra vez, à Tua frente
E faze-me encontrar o Teu caminho.
Perdido fui e sou, se de repente
Somente a mim me entregas e sozinho.

Quantas vezes me sinto diferente
E volto a ser, no tempo, descaminho!
Quantas vezes Te fito e sou descrente
E, no espaço, me faço agreste espinho!

Senhor, mostra-me sempre o Teu amor,
Qual tesouro enterrado num terreno,
Valendo mais que todos, pois que é vida.

E faze-me Teu filho no que for
A vivência daquele tom sereno,
Que me leva à chegada da partida.

VII

SONETO PARA ÂNGELA

O quadro há de restar no meu sossego.
Chorou a mãe, singela e mansamente,
No batismo da filha. O seu apego
Foi, nos meus anos, o melhor presente.

Nem o silêncio vale este amor cego.
Ter uma filha assim tão docemente
É mistério profundo que não chego
A compreender. Mas sinto o que se sente.

Aos vinte e seis, na vida, sou esposo
E pai, em duas vezes, de um casal.
Renovo de meus pais os mesmos gestos,

Como renovarei o seu repouso.
Eis porque silencio o carnaval
Que se escoia nas ruas e nos restos.

VIII

SONETO PARA JOSÉ KLIASS

Meu último soneto para o amigo.
Descompassado, como a própria morte.
O silêncio tem cores de castigo,
Quando a fera verdade faz o corte.

A imensidão da vida chega ao fim,
Condenados que somos todos nós,
Passagem necessária e sempre assim,
Tal grande rio, morto pela foz.

A dor não nos permite a descoberta
E o mistério não vive na mensagem;
Impenetrável, mesmo sendo certa

A derradeira e nítida abordagem.
Meu amigo, porém, num claro passo,
Cruzou, descortinando, o sem espaço.

IX

A MÁQUINA DO TEMPO

A máquina do tempo continua,
Monótono e silente mecanismo.
A solidão reflete, pela lua,
No passado, um estranho cataclismo.

É, porém, no porém, a realidade.
Não conhece nem "mas", nem "todavia".
Viver sempre a passar faz a verdade,
Que passa, num só passo, a mesma via.

Revolta-me, por vezes, seu caminho,
Que mostra, desde o eterno, o eterno fim.
A vida é um interstício tão mesquinho,

Que poucos reconhecem ser assim.
Mas o escravo não pensa como o dono,
Nem todos como o tempo antes do sono.

X

SONETO PARA RUTH

Quinze anos completei, no mesmo passo,
Descortinando auroras e lembranças,
Num caminho que o tempo sem espaço
Jamais desfez os sonhos e esperanças.

Somente o olhar agora está mais lasso,
Mas nele quantas vezes tu descansas?
O amor, porém, renasce, nunca escasso,
Qual nos idos das múltiplas andanças.

Quinze anos completaste, sempre igual;
Tão mulher, tão silente, tão amiga,
Sem súplicas, sem crises, sem rival;

Que eu não sei que dizer, por mais que diga,
Quanto amor eu te tenho e quanto o mal
Se desfaz quando eu faço esta cantiga.

XI

O NAUFRÁGIO

O naufrágio roubou-me o barco triste,
Silentemente, como rouba a vida.
O meu naufrágio é um mal, que mal existe,
Pois que, no fim, começa outra partida.

Anteriormente vira esta ferida,
Ferida, meu amor, que nunca viste.
Continuei capitão, que inda resiste,
Porém, sem ter sentido tal descida.

O naufrágio, portanto, foi normal.
O barco triste soçobrou por frágil,
Nas águas calmas, desfazendo em sal.

Depois, o mar voltou a ser caminho
De um outro menos triste e bem mais ágil
E o barco triste o mar deixou sozinho.

XII

SONNET

Si je chantais une chanson, faisant la cour
A douce jeune fille et bien de moi chérie,
Si je disais à tous le mal de cette vie,
Peut-être vous, vous me verriez comme toujours.

Si je chantais une chanson, remplie d'amour,
A peine à vous, jolie suplice et tendre amie,
Et si j'étais une personne de génie,
Peut-être vous de moi ririez bien sans detour.

Si je chantais une chanson, la plus fidèle,
Sur ma douleur sincère et par vous éternelle,
Peut-être, ainsi, vous vous tairiez uniquement.

Mais, si ne chantant plus, déjà sans tous mes charmes
Je vous pouvais montrer si seul de tristes larmes,
Peut-être vous m'embrasseriez, tout simplement.

XIII

MEU CANSAÇO

Neste tempo de naves pelo espaço
E de espaços, no tempo, descobertos,
Eu vivo navegando por desertos,
Que se escondem detrás de meu cansaço.

O meu cansaço sempre foi vanguarda
Da cidade que alBERGO junto a mim,
CujA ponte atravesso de cor parda
Por causa d'água vinda do jardim.

Nesta cidade, mora tua imagem
Despida do que trouxe d'outro centro,
Colorida por nítida paisagem
Do universo que tenho cá por dentro.

Neste tempo de naves pelo espaço
Eu inda vivo atrás de meu cansaço.

XIV

A BUSCA DO CAMINHO

A confusão, Senhor, de mim afasta
Para que eu veja claro o que era escuro
E, qual papel inútil d'uma pasta,
Retira para unir-me ao meu futuro.

A pergunta que eu fiz já tem resposta.
Vale o encontro da própria vocação.
"Vem e segue-me" e segue-Te quem gosta
Da Verdade e da Luz, por dimensão.

A busca do caminho, quando existe,
É mansa, se ela é grande, se ela é forte,
É rica, quando pobre e nunca triste,
Fazendo eterna vida mesmo a morte.

Que eu seja, como fruto, uma semente
A gerar o Teu mundo diferente.

XV

O SONETO MAIS ESTRANHO

Silêncio o soneto mais estranho.
Nem meu. Nem de ninguém. Por que? Não sei
O olhar foi talvez verde ou foi castanho,
Bem antes do silêncio em que parei.

Há reinos esperando por seu rei
E banhistas que buscam no seu banho
Equacionar o tempo com a lei.
O silêncio do espaço, que eu arranho.

Onde arranho, onde luto e silencio,
Vive o soneto mais estranho assim.
O sol onde ele nasce é sol de estio,

Que não conhece o aroma do jardim.
E desta história lá eu perco o fio,
Pois lá começa a história de meu fim.

XVI

SONETO DO APÓS IGUAL

O soneto do meu descumprimento.
Mais antigo que a própria natureza.
Os versos, descumprindo o seu intento,
São a força, que limpa, sem pureza.

As cores coloridas do passado
Descolorem os dias, já sem cor.
O presente desfaz-se, colorado,
Colorando..recores numa flor.

O meu soneto assim..é sempre o mesmo.
Diferente. Dificil. Diferente.
Nunca eu o entendo.. Nunca.. Nunca mesmo.
Nem aquele que o lê e é toda a gente.

Nos tempos em que eu firmo o firmamento
A idade só se faz renascimento.

XVII

ESPAÇO AZUL

Teu derradeiro olhar foi desencanto.
Há muito que eu não sofro, calmamente,
O momento final tão sem espanto.
O meu hábito de última semente.

Quantas messes perdi na minha frente?
Não sei. Nem sei quem sabe este meu canto.
Corre o tempo num tempo diferente
E o fim sempre me resta em acalanto.

Teu derradeiro olhar, nem tu soubeste
Quão derradeiro foi! Fim de Istambul
E fim que leva o fim como um "Far West".

Eu deixo, uma vez mais, o Norte e o Sul.
Minha roupagem, hoje, se reveste
De novo encanto, por espaço azul.

XVIII

TEU SILÊNCIO

O Teu silêncio busco desvendar,
Nas névoas de uma estrada, que não trilho,
Sendo aquele que tem cansado o olhar
E que luta por ser chamado filho.

O Teu silêncio é forte e muito fraca
A força que projeto na procura,
Alicerce desfeito sem estaca,
Luz apagada em plena noite escura.

O Teu silêncio vive em minha vida,
Cujo curso reduz o seu caminho,
Mas ando sempre e sinto esta ferida
Que a rosa nunca faz, mas faz o espinho.

O Teu silêncio eu sei, porém, um dia.
Será descortinado e a minha via.

XIX

CROMO

Estilhaços do meu canto
Ferindo o pastor do espaço.
Granadas por acalanto,
Na palavra do teu passo.

O teu amor em mormaço.
O meu amor sem espanto.
No azul o silêncio caço,
Metralhando o desencanto.

Abatido cai no sal.
A paz retorna, no céu,
À calma do após a guerra.

Volta o tempo a ser igual
E o amor por sidéreo véu
É coberto sobre a terra.

XX

OLHAR DE INFÂNCIA

Penetrei pela enorme profundez.
Deste mar colorido de teus olhos.
Triste azul. Melancólica tristeza.
Penedo transformado sem escolhos.

Penetrei. Nadador por ter nadado.
Suicida solitário. O mar azul
Logo cobriu-me num estranho fado
Que, em vez do Norte, descobriu o Sul.

Azul dentro do azul. A maresia
Marítimos escombros desvendava
E os sonhos que eu fazia, desfazia,
Desfazendo um abismo à idéia escrava.

Afoguei-me no fundo da distância
De um olhar, que busquei por minha infância.

XXI

QUERER-TE

Não consigo este vício abandonar
Que me faz, pelo tempo, sempre igual,
Como igual corre a noite sobre o mar
E deixa o mar na praia seu sinal.

O vício me ensinou a naufragar,
Num naufrágio romântico e informal,
Que não traz o sossego por seu par
E não chega, no todo, a ser um mal.

É, contudo, perpétuo como o sal,
Silente como o puro comungar
E triste como o amor sem ter aval.

É o vício de querer-te, devagar,
De mansinho, de fato e de enxoval,
De minha prole mãe, em santo altar.

XXII

PELO CAMINHO DE TEUS OLHOS

O recesso intocável de tua alma
Invadi, repentina e mudamente,
Através de momento, cuja palma
Cruzou pelos teus olhos, diferente.

A profundeza longínqua foi semente
Do sucesso, que trouxe após a calma,
E a conquista desfeita, docemente,
Conquistou o senhor, que hoje te ensalma

Do assalto não mais resta que o caminho,
Onde, silente, entrei, despercebido,
Cuidando retirar-me, por inteiro.

Perdi-me, todavia, e não sozinho
Retornei, muito estranho e sem sentido,
De teu recesso eterno prisioneiro.

XXIII

NAVEGAR

Naveguei pelo toque de teus lábios
Nos meus dedos de porto solitário,
Esquecido que o mapa dos mais sábios
Desconhecia o mar imaginário.

Naveguei, dirigido pelos astros
De teus dentes abertos para o espaço,
Enfunadas as velas destes mastros
Pela força de teu sorriso lasso.

Naveguei, despejando as velhas sondas
Que a terra medem pelo som da sorte,
Indo o barco, que eu tinha sobre as ondas
Buscando o cais meridional do Norte.

Nafraguei, todavia, em dois escolhos,
Encontrados no golfo de teus olhos.

XXIV

CLARAS ÁGUAS

Pelo silêncio de teus olhos mortos,
Vivos, no espaço, apenas, das idéias,
Surge uma ponte com aranha e teias,
Unindo as pedras d'os caminhos tortos.

Trilhei a ponte. De madeira velha,
Encobre anseios, que correm debaixo,
E o escuro líquido, em que assim se espelha,
A forma tem de retilíneo facho.

Da margem sempre ríspidos escolhos
Tombam turvando a fonte já turvada,
As lágrimas, talvez, que de teus olhos
Vêm de uma estrada em busca d'outra estrada.

Dizer que, um dia, aquelas claras águas
Limparam de nós dois todas as mágoas...

XXV

O ENCANTO DA PRESENÇA

O soneto do amor, que não tem fim,
Eu refaço, silente, uma vez mais.
Há cores florestais no meu jardim,
No meu jardim... sem cores florestais.

A imensidão das sombras noturnais
De novo ganham vida, atrás de mim,
Navio que navega junto ao cais
Ou corcel livre e preso no selim.

O soneto do amor, de um grande amor,
Que a própria vastidão não é tamanha,
Infinita a visão de sua crença.

Continue assim sendo o seu calor
E traga, dessa forma sempre estranha,
A minha vida o encanto da presença.

XXVI

SONETO PARA IVES FILHO.

O soneto do meu desfazimento.
O mesmo que já fez meu pai, um dia,
Renovo, num só gesto, sem momento.
O soneto da luz, que a vida cria.

Sou eu e mais um eu de igual argila,
Que a origem trouxe ao mundo por meu pai
E o tempo, que por gotas se destila,
No espaço se eterniza e não decai.

Eu sinto que já fui, sou e serei.
Desde as sombras ancestras da partida.
E eu sinto que esta forma forma a lei,
Quanto mais renovada volta à vida.

O soneto da estrada, que hoje trilho,
Que é minha, de meu pai e de meu filho.

XXVII

O VELHO BARDO

Um soneto aos sonetos que já fiz.
Mais simples, tão vazio, menos belo.
Um soneto que busca ser feliz
Na medida em que aos outros o nivelo.

O bardo, com os anos, faz-se velho
Mais rápido que alguém que não é bardo.
Assim me sinto agora, quando espelho
O passado de vate em negro fardo.

Um consolo me resta, todavia.
O Senhor, pelo estio já cansado,
Faz-se presente sempre, todo o dia,
E caminha comigo, lado a lado.

Que esta presença santa do Senhor
Eu a transmita em cânticos de amor.

XXVIII

É NOITE

É noite. À minha amada este soneto
Componho sem momentos de cansaço,
Quando o tempo dos versos faz-se escasso
Como bandas de música em coreto.

O costume da frase teve danos,
Igual folha varrida em tempestade.
Restou-me apenas, nua, esta verdade.
Que me segue, silente, pelos anos.

Quero-te muito, mãe de meus seis filhos,
Mulher de meu amor, sem convenção.
Conduze-me assim sempre o coração
Como um trem conduzido por seus trilhos...

É noite. À minha amada, em próprio punho,
Componho este soneto, sem rascunho.

XXIX

ESBOÇO

Feneceram as rosas pelo azul.
O verde naufragou em plena idéia
E perdeu o comando para o Sul.
Soçobraram lembranças de odisséias.

A bordo do naufrágio estava o mar.
Debalde. A sonda cinza não mais era.
Restava o simbolismo cor de ambar
De um Outono medido em primavera.

Mimosas... depois foram sobre o espaço
Colorações de seda em sombra rubra.
Da funda emanção ficava um passo,
Que o negro faz que o branco sempre cubra.

Eis o esboço de um simples quadro estranho,
Onde pascem meus versos sem rebanho.

XXX

ORFEU

Nenhuma estrela havia, em seu olhar:
Um silêncio noturno mal rondava
O muro esmuguecido do pomar,
Cujo fruto sua alma alimentava.

A noite era, porém, linda e presente,
Coberta a lua por escura fronha,
Era a noite do tempo inexistente,
A noite, que consola o mal, que sonha.

Mesmo assim colorava-se de morte.
Um olhar negro é duplo e, se empoçado
Em funda sensação, encerra a sorte
De um outro olhar no olhar do próprio fado.

Nenhuma estrela havia. Havia Orfeu,
Lembrando-se da amada que morreu.

XXXI

ANO NOVO

A chuva, que tombou hoje de tarde,
Com tristeza, saudou este ano novo,
Que, tímido bem mais do que covarde,
Inicia o caminho junto ao povo.

Há fome provocada no país
E a corja, que o governa, é satisfeita.
Faz muitos anos que a Nação feliz
Deixou de ser. O tempo é de colheita.

A messe traz o sal do desespero
E a gente vive agora a tempestade,
Sorvendo o fel da taça, por inteiro.
A dor, na terra, perde a própria idade.

Que este ano novo, assim, não se acovarde
Tal como fez a chuva de hoje à tarde.

XXXII

SONETO DE JADE

Mansamente, um soneto eu te componho,
Lembrando-te, na bruma do passado,
Inda sentindo, assim desconsolado
O teu constante olhar, doce e tristonho.

Há muito tempo que não tinha um sonho
E mesmo quando o tinha deformado
Eu o vivia e não como a teu lado,
Com quem, pela memória, eu o deponho.

Tal teu símbolo anel; feito de jade,
Que as almas entrelaça na afeição
Para depois guardá-las, por saudade,

Assim, com meu soneto, esta ilusão
Unida se transforma, em suavidade,
Consumindo, no meu, teu coração.

XXXIII

LANÇA CRAVADA

Lança cravada pelo peito aberto,
No silêncio da noite desmedida,
E o cavaleiro lancetado incerto
Cavalga a morte, cavalgando a vida.

Eu, procurando o meu próprio deserto,
Encontro o panorama da partida
E firo-me buscando o que anda perto
Do que anda atrás da senda conhecida.

Lança cravada pela carne nua
Em pleno profundor da alma silente,
Ferida nova, informe e diferente.

E eu desvendando o som que continua
Na chaga insone da distância interna,
Em busca de mim mesmo... em busca eterna.

XXXIV

CAVALEIRO DO RIO

Cavaleiro dos tempos passados,
Que outros tempos tu trazes p'ra nós.
Dorme o rio vestido de foz,
No carinho de seus ambos lados.

Cavaleiro da idade retroz
Nunca mais vi teus ombros cansados.
Lá se vai na distância dos fados
A tu'alma de bravo e de atroz.

Foi, no rio, que agora é senil,
Que te vi pela vez derradeira.
Foi no rio que a vida partiu.

E afundaste longínquo da beira,
Onde olhava o teu gesto viril
E afundaste, a ilusão tendo inteira.

XXXV

O SENTIDO DA VIDA

O sentido da vida, por inteiro,
Só desvendo no seu sonho de vida
Que transforma a semente no celeiro,
Alimento da terra mal ferida.

A santidade é o toque derradeiro
Descortinando o ponto de partida,
Cujo encontro se faz, quando o sendeiro,
Na chegada descobre o fim da lida.

Quão difícil, porém, se sou quem trilho
Esta estrada de Deus feita p'ra mim,
Pois qu'outras menos belas já trilhei.

Quão difícil! Contudo, sou Seu filho,
E tê-la quero dentro do jardim,
Onde O encontro, paterno, como Rei.

XXXVI

PARA UM LIVRO DE J. G. DE ARAÚJO JORGE

Na festa das imagens coloridas,
Que encontrei neste livro, à noite e meia,
Corre o sangue dos mares sobre a areia
E o silêncio deserto de mil vidas.

Corre o sonho dos sonhos de uma veia
E a lembrança das lendas esquecidas,
Neste gesto de imagens desprovidas
Das aranhas que tecem sua teia.

Nestes versos do Jorge apenas resta:
O farol de luz negra, que ilumina
O noturno de nítidas paisagens,

Eis que a dona dos versos, nesta festa,
É escaldante de vida, em cada esquina,
Como a imagem do Jorge das imagens.

XXXVII

ADOLESCÊNCIA

Depois de tanto tempo escravizado
Libertei-me, Senhora, de teu mando,
Talvez bem mais servil que libertado
E não tão libertado que chorando.

Hoje sinto o prazer de todo o lado,
Em vez do mal que muito devastando
Andou-me e que me fez desenganado
Desde a idade que vem não sei de quando.

Hoje, data de teu aniversário
Perdeste de minha alma o bom rosário
Das promessas que sempre te fazia,

Em mim de ti, senão teu calmo olhar,
Profundo e triste, como a dor do mar,
Restando mais de noite que de dia.

XXXVIII

SONETO SOBRE A LENDA DOS SARGAÇOS

"E NO OLHAR DE SARGAÇOS"

W. RUSSO

"E, no olhar de sargaços, fui espelho.
Sargaços deram cor a teu olhar,
Que o sangue quando corre pelo mar
É verde amarelado e não vermelho.

Por que não despertei sem te acordar?
Estrelas despencaram do céu velho
Refletindo nas águas que eu espelho
A distância jasmim de teu olhar.

Por que foi que perdi-me no interlúdio?
Ultrapassei o encanto de teus braços
Sem nunca receber qualquer repúdio

Não foi, por certo, a névoa nos espaços?
Mas se foi, por que causa meu prelúdio
Teus olhos coloriu cor de sargaços?..."

XXXIX

AREIA DO DESERTO

Era vermelha a areia do deserto
E assim mesmo buscou-a a carne-lodo
O caminho, em seguida, fez-se incerto
E o horizonte sumiu-se então de todo.

Cobriram-se os espaços siderais,
Choveram tempestades de caprichos
E o frio dos sentires hibernais
Despertou do letargo internos bichos.

A vida-barro, pútrida, parada
Perdeu a luz primeira das idéias
Escondido o binômio tudo-nada,
Semente solitária de odisséias.

Carne-lodo, partida a causa-sangue,
Restou, desvirginada, mas exangue.

XL.

ÚLTIMA SEMENTE

Eu a tive por última semente,
No silêncio do fim, que desencanta.
Como renasce a vida, fragilmente,
A terra renascera, em muita planta.

A pálida semente, porém, fria,
Eu conheci, na terra, mal lançada,
Simbolismo patético do dia,
Perto da noite e não da madrugada.

Eu conheci, no solo, ressequida,
Tão morta, logo após o seu carinho,
Como a vida ressurgiu, parte a vida
E a terra tem, calada, igual caminho.

Eu a tive por última semente,
Sem forças, trespassado, mudamente.

Composto e Impresso

K. M. K.

Gráfica e Editora Ltda.

Rua Catulo da Paixão Cearense, 624

Telefones: 579-6417 e 579-0145

Saúde - São Paulo

“O Tempo Pretérito, de Ives, celebra sua amada através de décadas de matrimônio cristão, filhos, batizados, confissões de fé. Só um poeta fundamentalmente seguro de seu amor e de seu Deus, como Ives, poderia escrevê-los.

Afasta-se Ives dos seus temas absorventes quando, colocado entre seu pai e seus filhos, reconhece sua condição de elo e a dramatiza.

- ✕ -

Ao longo das estrofes, como um dado estrutural, insinua-se sempre o tempo, ora forjado no espaço, ora envolvido no que é eterno.

Acima dos temporais, Ives aciona os mecanismos da máquina do Tempo, monótonos, silentes; e, com um pastor de espaços, neles situa Deus, Ruth, seus pais, seus filhos — os entes e as crenças amados”.

Geraldo Vidigal

em conjunto, assim como mais de 1.000 trabalhos veiculados sobre direito, economia, filosofia, política, história, literatura, sociologia, música, nos seguintes países: Alemanha, Angola, Argentina, Bahamas, Bélgica, Brasil, Canadá, Espanha, Holanda, Inglaterra, Portugal, Taiwan e EUA.

Entre as suas obras se destacam "Teoria da Imposição Tributária" (Ed. Saraiva, 1983); "Desenvolvimento Econômico e Segurança Nacional — Teoria do Limite Crítico" (Ed. Bushatsky, 1971); "Apropriação Indébita no Direito Tributário" (Ed. Bushatsky, 1975); "O Sistema Tributário na Constituição de 1988" (Ed. Saraiva, 4.ª ed., 1992); "O Estado de Direito e o Direito do Estado", (Ed. Bushatsky, 1977); "Parlamentarismo Monárquico" (Ed. Brasiliense, 1993); "O Poder" (Ed. Saraiva, 1984); A nova Classe Ociosa (Ed. Forense, 1987) além dos "Comentários à Constituição do Brasil" com Celso Bastos (8 volumes editados pela Saraiva).

Tributarista do Ano em 1977, Homem de Visão 1987, Cidadão Consciência em 1993, tem participado e coordenado inúmeros Simpósios Nacionais e Internacionais, sendo atualmente editor dos "Cadernos de Direito Tributário e Finanças Públicas" da Revista dos Tribunais e dos "Cadernos de Pesquisas Tributárias" do Centro de Extensão Universitária / Resenha Tributária.